

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30
End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



MEIA DÚZIA DE PATIFES...

Ayuntamiento de Madrid

(Foto M. G. M.)

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E UMA FOLHA
DE BORDADOS EM TAMANHO NATURAL.

A MAIS BELA REVISTA FEMININA DA PENÍNSULA.
A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO.

VIDA ELEGANTE

FESTAS DE CARIDADE

Na noite de sábado próximo, véspera de S. João, deve realizar-se nos magníficos terraços e jardins do Palácio Fronteira, a S. Domingos de Bemfica, um grandioso festival de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade presidida pela sr.^a Condessa de Torre, e cujo produto se destina a favor do Lactário de Nossa Senhora do Amparo, em S. Domingos de Bemfica, obra de beneficência a que a ilustre titular dedica toda a sua actividade.

O festival constará de várias diversões entre as quais se fala na repetição da interessante mímica por crianças, que tanto êxito obteve em duas festas de caridade realizadas no teatro do Ginásio, intitulada «O Sonho do Pobresinho» da autoria da sr.^a D. Maria Augusta de Sampaio Forjás, com música do inspirado compositor sr. dr. José Augusto Coutinho de Oliveira, e do magnífico filme português, tirado nêsse palácio, e desempenhado por crianças; sobre um argumento do ilustre poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira, intitulado «O Afilhado de Santo António».

Havendo também vistosas iluminações a luz eléctrica e veneziana.

A festa de sábado vai ser portanto uma festa digna do local em que se realiza.

NO MONTE ESTORIL

No Hotel de Itália. — Revestiu extraordinário brilhantismo a tarde de domingo passado no Grande Hotel de Itália no Monte Estoril, onde se realizou o tradicional «chá dançante» dos domingos, durante o qual se fez ouvir novamente a notável orquestra de tangos argentinos «Coriola», que tocou alternadamente com



Grupo de distintos amadores que esta noite cantam no «São Luís Cine» a «Missa Solene de Beethoven»

a privativa do hotel, sendo assim a dança contínua, e chegando por vezes a atingir o delírio. Os «chás dançantes» do Grande Hotel de Itália, estão de há muito lançados como verdadeiros pontos de reunião da nossa melhor sociedade.

Em redor das pequenas mesas recorda-nos ter visto:

D. Rita de Sommer Mendonça e filha, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Maria José Vila Boas Cannes da Costa e Silva e filha, D. Maria Augusta de Sampaio Forjás Trigueiros, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Sara Leão da Fonseca, D. Sara Bastos de Eça, D. Amélia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Georgina Vaz, D. Maria Teresa Rebelo Gusmão Navarro, D. Maria de Levécque de Castelo Lopes, Madame Durval, D. Guiomar de Almeida e filhas, D. Adelina Denis de Almeida, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Nunes de Sequeira e filhas, D. Alice Pedroso Olímpio e filha, D. Fernanda de Castro e Quadros Ferro, Madame Ramos Pinto, D. Roxana Corrêa da Costa Serpa Pinto de Melo Breyner, D. Margarida Barbosa Meireles de Al-

meida, D. Adelaide dos Reis Vale e filha, Mateus dos Santos Tavares, D. Teresa de Melo e Castro de Verda, D. Maria Burnay Soares Cardame Marinho da Cruz e filha, D. Amélia Madroso, D. Maria Soares Pereira de Lacerda, D. Maria Andresen da Costa Perestrelo, D. Maria Dorotea Pereira de Lacerda, D. Maria de Lourdes Mateus dos Santos Tavares Andresen, D. Ângela de Castro de Vila Moura da Fonseca, D. Maria da Assunção Belmar da Costa, D. Maria de Lourdes Portocarrero da Câmara Mesquita, D. Soreira Gomes Amzalack, D. Margarida Barbosa de Matos Chaves, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Maria Rita de Carvalho Ricca, etc., etc.

Domingo próximo realiza-se novo «chá dançante», sendo de prever outra tarde de elegância.

CASAMENTOS

Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria José de Amorim Arroio Frick, gentil filha da sr.^a D. Maria Elena de Amorim Arroio Frick, já falecida, e do sr. Francisco Driesel Frick, com o distinto engenheiro sivilcultor sr. Jorge de La Rocque Gomes de Amorim, filho da sr.^a D. Aurélia de La Rocque Gomes de Amorim, e do sr. Francisco Gomes de Amorim.

O casamento realizar-se há ainda este ano. — Realizou-se na paroquial igreja de Azeitão, com muito brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Augusta Cruz da Gama, interessante filha da sr.^a D. Margarida Cruz da Gama e do sr. Domingos Sebastião da Gama, com o sr. Racine Freire da Cruz, filho da sr.^a D. Joana Freire da Cruz, e do sr. José Freire da Cruz.

Serviram de madrinha a sr.^a D. Maria Augusta Freire da Cruz, tia da noiva e a mãe do

representar pela sr.^a D. Maria Vieira Benito Lopes; e D. Maria Emília Serra de Carvalho Dias, e de padrinhos os srs. António Vieira de Castro e dr. Carlos de Carvalho Dias.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residência da noiva um finíssimo lanche, da «Garrett».

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— No Pôrto, na capela particular da residência da sr.^a D. Josefina Veloso de Araujo e do sr. Eurico Veloso de Araujo, realizou-se o casamento de sua interessante filha D. Cecília Yvonne, com o sr. Diogo Eugénio Cabral, filho dos falecidos srs. Condes de Vizela.

Celebrou o acto religioso o reverendo cônego sr. dr. Correia Pinto, que antes da missa fez uma brilhante e comovente alocução, seguindo-se a missa resada pelo coadjutor de Miragaia, acolitado pelo prior de Lordelo, reverendo dr. Barroso, amigo íntimo do noivo.

Serviram de madrinha a mãe da noiva e de padrinhos o pai da noiva e os srs. dr. Manuel Forbes Costa e Conde de Vizela, irmão do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, partindo os noivos depois, de automóvel, para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Na paroquial igreja de Bemfica, realizou-se o casamento da sr.^a D. Deolinda Guerreiro Brito, com o sr. Agostinho Augusto Moraes, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Leonor Manuel (Atalaia) e D. Justina das Dores e Silva, tia do noivo, e de padrinhos os srs. dr. João Carlos de Mascarenhas de Melo e Agostinho José da Silva Júnior, tio do noivo.

Findo o acto religioso foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. Luís Serzedelo de Almeida, distinto aluno de engenharia, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Hermínia de Vasconcelos Correia, esposa do ilustre engenheiro e director do Banco Lisboa e Açores, sr. António Vasconcelos Correia, a sr.^a D. Maria Isabel de Vitória Pereira, gentil filha da sr.^a D. Adelaide de Vitória Pereira e do tenente-coronel sr. José Estevam Canela de Vitória Pereira.

A cerimónia realizar-se há brevemente.

— Realizou-se, com muita intimidade, na residência da sr.^a D. Maria da Encarnação Mata e Silva Oliveira e do coronel sr. Alexandre de Almeida e Oliveira, o casamento de sua interessante filha D. Virgínia, com o distinto «sportman» sr. Fernando Lopes da Silva, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Alice Welmer, D. Glória da Mata e Silva Figueiredo de Barros e madame Pereira da Silva e de padrinhos os srs. Theodor Welmer, Pereira da Silva e Judice da Costa.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Alda Germana Nobre, gentil filha do sr. Telmo José Nobre, com o sr. José Arruda Nobre dos Reis, filho da sr.^a D. Maria Isabel Nobre dos Reis e do sr. José António dos Reis.

Serviram de madrinhas a irmã da noiva sr.^a D. Alice Nobre de Almeida Grandela e a mãe do noivo, e de padrinhos o sr. Luís de Almeida Grandela, cunhado da noiva e o pai do noivo.

Celebrou o acto religioso o prior da freguesia que fez no fim da missa, durante a qual foram



A sr.^a D. Alda Germana Nobre e o sr. João Arruda Nobre dos Reis, à saída da paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento realizado no dia 3 do corrente

NASCIMENTOS

A sr.^a D. Irene Fernandes Abreu Moraes, esposa do sr. Arlindo de Moraes, teve no Pôrto, o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

BAPTISADOS

Com muita intimidade realizou-se na paroquial igreja de Sacavem, o baptizado de uma filhinha da sr.^a D. Maria Luísa Van-Zeller Guedes Patricio e do sr. dr. Francisco Trigueiros Martel Patricio, a qual recebeu o nome de Maria Madalena.

Serviram de madrinha da gentil criança sua avó materna a sr.^a D. Maria Elena Van-Zeller Guedes e de padrinho o avô paterno sr. conselheiro dr. Francisco Patricio.

— Na paroquial igreja de Paranhos, no Pôrto, realizou-se o baptizado de uma filhinha da sr.^a D. Conceição Fernandes Soares, e do sr. Manuel da Silva Soares, tendo servido de madrinha sua tia a sr.^a D. Rita Fernandes Soares e de padrinho seu tio o sr. José Fernandes Soares.

A gentil criança recebeu o nome de Maria Rita.

— Em Leça da Palmeira realizou-se, na igreja paroquial, o baptizado de um filhinho da sr.^a D. Carolina dos Santos Faia e do sr. Alexandre da Fonseca Faia, tendo servido de madrinha da gentil criança, que recebeu o nome de Alexandre, a avó materna, sr.^a D. Conceição Augusta dos Santos e de padrinho o avô paterno sr. Moisés Jaime dos Santos.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido em casa dos pais do recém-baptizado um finíssimo lanche.

AS MULHERES ALEMÃS NO JORNALISMO

A secção feminina da Exposição Internacional de Imprensa, há pouco efectuada em Colónia, publicou uma estatística sobre a participação das mulheres no jornalismo.

Segundo nesse documento se refere, são em número de 170 as mulheres que exercem a sua



Grupo de discípulos de Curso de Estudos Musicais, dirigidos por D. Lucília Moreira e Eduardo Moreira

executados no órgão vários trechos de música sacra, uma comovente alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminado o acto religioso foi servido na residência da irmã e cunhado da noiva um primeiro lanche, seguido os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de autênticas prendas.

actividade no jornalismo, 93 das quais teem funções redactorias e as restantes 73 dedicam-se à reportagem.

Nessa mesma estatística mencionam-se ocupações que elas tinham, antes de terem invadido os domínios da letra redonda: 10 eram domésticas; 21, eram professoras; 5, pianistas; 7, pintoras ou escultoras; 3, actrizes; 2, modistas e as sete restantes dedicavam-se a obras sociais.

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discípula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lição em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

AOS NOIVOS — COM GRANDE ECONOMIA MOBILAR — A SUA CASA POR COMPLETO NOS

— GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — R. de S. Bento, 120 a 130

Telefone T. 801

ARTE APLICADA CRÓNICA DA SEMANA ECONOMIA GERAL

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS FEMININOS EM SANTAREM

N a formosa cidade ribatejana realizou-se há dias, na Associação Comercial, uma interessante exposição de trabalhos de arte aplicada da sr.^a D. Cacilda de Matos Fragoso, distinta professora de bordados daquela cidade. A exposição abriu por ocasião de se inaugurar o monumento ao Marquês de Sê da Bandeira,



e os trabalhos expostos foram objecto dos maiores elogios por parte dos inúmeros visitantes, tendo sido muito felicitadas a sr.^a D. Cacilda de Matos Fragoso e as suas discípulas, sr.^{as} D. Maria Isabel Casimiro, D. Alice Neves, D. Julia Silva, D. Cacilda dos Santos Fragoso, D. Filomena Fragoso, D. Maria Celeste Torraes Fragoso, D. Elisa Vieira, D. Maria Luisa Paciência, D. Dilcarine Durão, D. Romana Fragoso, D. Maria Adelaide Santiago e D. Glória Amaral.

OS LENÇOS DE RAMAGENS (Crónica da Azeira)

E n Ti Requeta, nam me diga qu'é mentira! Eu cá vi e 'tou farto de ver elas tódas triques com os lenços de ramagens que a raparigagem cá do lugar costuma pôr para ir às Festas!

— Oh espera! Mas então agora as madamas lá de Lisboa tamem usam os nossos lenços? — Pois vomecê nan sabia? Aquilo se calhar é moda lá delas mas o certo é certo e cá o Toino



Saloio nan é home que venha a palmar mentiras cá pr'ó lugar.

— Mas oh Toino, então conta lá com'elas amarram os nossos lenços!

— Ai, elas atam aquilo duma data de manêras, san senhora! Uma vez põi-nos por riba dos chaspeinhos e vai óspois umas vezes põi-

DEUS NOS ACUDA!...

S e a moda torna a pegar, por mal dos nossos pecados, vai ser de fugir, amigas e leitoras minhas! Deus, nosso Senhor nos cubra de melhor sorte!... Porque, durante muitas e muitas dezenas de anos, o flagelo tremendo assolou Portugal inteiro, estragando o físico e o moral de damas e cavalheiros! Desde o Coiro da Burra, em terras moiras do Algarve, até Faldeães, nos bucólicos vergeis do Alto Minho e poiso célebre dos sete carecas de que nos falou o desditoso António Feijó, a epidemia foi de arrazar!... O seu nome era suave, quasi lírico mesmo: — «Trabalhos femininos» — mas as manifestações, quasi sempre portadoras da idiotia perfeita, principiavam pela judia, recitada ao piano, e tinham o ictus fatal nos bordados e escumilha e a escama de corvina!... Horrível, leitoras! pavoroso!... Se não lhe acudiam a tempo com o casamento e respectiva ninhada de bebés, estava tudo perdido: só na igreja o mal tinha remédio eficaz, ao depois completado com o nascimento do primeiro filho porque os protestos dos cueiros eram tão evidentes que a epidemia desandava logo para outros sítios, lembrada de que nem o diabo quiz nada com rapazes!

Mas a epidemia parece querer de novo dar sinal de si... Deus se amerceie de nós, leitoras! Amem, oxalá!... Porque, ainda há dias a pude verificar em certas exposições e fiquei aterrada, passadinha de todo!... Desta vez nem o desventuradíssimo Camilo escapou, leitoras minhas e queridas amigas!... Lá o pude ver executado em escumilha, enquanto pessoa de maior arrojo o não borda em casca de corvina ou miolo de figueira... É sina, às vezes, dos grandes homens: nem depois de mortos os deixam descansados! Houve tempo em que era costume transformá-los em bolacha — e não faltou quem dissesse que o calvário da Glória terminava sempre na carreira de Belem pela Pampulha! — em sabonetes, em caixas de graxa, fados à guitarra e artes correlativas... De quantos sei que estiveram entregues aos cuidados do falecido dr. Bombarda por causa das manifestações de aprego e das consagrações literário-artísticas! E repito, um grande terror se apossou do meu espírito ao constatar a recidiva do mal, há dias verificada em Lis-

— nos assim a modos qu'à banda a só dum lado e eu inté vi umas lá naquela rua a que chamam os Chiadros que levavam uns lenços mêmô igai-sinhos aos lenços das filhas do Manel da Era. Inté vi lá lenços enrolados à maneira com que o Mestre Flores, barbêro, acostuma atar à roda cá da gente para rapar a queixada! Óspois vi outras madamas, que a modos, aquilo se calhar 'stavam doentes dos gorgomilos, porque andavam com os lenços à roda do pescoço!!!

— Oh Toino quem houvera de dizer que as madamas lá da cidade de Lisboa ainda haveram d'andar á moda com os lenços cá das cachopas?

— E oh Ti Requeta: quem houvera de dizer qu'elas andarem todas com as saias arregaçadas qu'inté parece que vão pr'ó rio lavar!

— Oh Toino tu nam t'alembas daquelas que tiveram cá pl'a feira dos Santos que inté pareciam bonecêras... todas cheias de tintas naquelas caras qu'inté a gente estava com vergonha d'olhar pr'a elas?

— Isso nan era nada à vista lá dalgumas estrangêras qu'a gente vê lá em Lisboa! Eu cá ontem cando vinha lá volta da Praça, vi passar uma tan caçada, qu'inté sem querer, pucheis as redeas aos machos, parei a galera e fiquei parado a olhar, a modos como quem levou uma cajadada daquelas qu'inté fazem comichões na mimoiira!

Aquilo um home fica sem saber s'elas são gente ou que é que são!

— Raio de modas oh Toino!!!

— Mas lá qu'elas ficam bem parecidas com os lenços saloios isso é qu'é verdade e se não fôssem as tintas qu'elas botam na cara, eu cá inté gostava qu'essa moda nunca mais acabasse. Bem, deixa-me ir dar a razão ao gado. Adeus Ti Requeta!

— Adeus oh Toino! Dá lá soidades á Ti Vi-toira!

— Nan esquece! Arre macho!!!

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE BERTRAND

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

é o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para famílias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

COMO SE FAZ UMA BARRACA PARA PRAIA OU CAMPO

N ADA é mais necessário a um banhista do que uma barraca onde possa facilmente e com segurança preparar-se para o banho ou repousar abrigado do sol ardente ou da nortada desagradável.

As dimensões da barraca poderão depender do número de pessoas que desejam repousar à

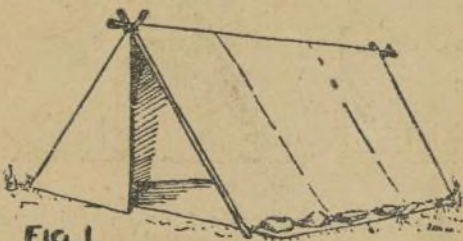


Fig. 1

sua sombra mas a sua configuração não varia nunca.

O tipo mais simples de barraca, é o indicado na figura 1 podendo ser armada em qualquer parte e com a maior facilidade.

A cobertura mais apropriada seria uma tela devidamente impermeabilizada com uma pintura de óleo colorido de amarelo torrado, todavia, caso se deseje evitar essa despesa, poderemos facilmente lançar mão de dois lençóis cozidos um ao outro e forrados interiormente de papel grosso de cor escura, do que é vulgarmente usado para embrulhos. Este papel poderá igualmente ser cozido ao lençol para mais seguro apoio constituindo assim um regulador explên-

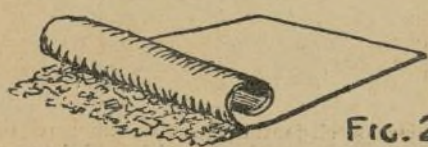


Fig. 2

dido de luminosidade e da temperatura ardente do sol.

Tendo previamente preparado os «telhados» da barraca procuraremos agora a maneira mais fácil de ergu-la.

Para isso, basta arranjar quatro pães, cada um com cerca de dois metros de comprimento que servirão de suportes, e um outro com cerca de três metros que será escolhido para páu de fileira.

Cravemos no terreno ou na areia estes quatro suportes e tendo tido o cuidado de conservá-los a devida distância e inclinados cerca de 45° em relação ao chão da barraca, amarrem-se cuidadosamente as extremidades entrecruzadas de maneira a formar uma forquilha que permita a fixação do «páu de fileira».

Depois de haver, assim, montado o esqueleto do nosso «edifício», coloquemos agora cuidadosamente sobre ele as telas ou os lençóis a que já nos referimos e procuremos fazer com que



Fig. 3



Fig. 4

ambos os lados fiquem absolutamente iguais, fixando-os ao terreno com o auxílio de pedras ou por intermédio de cavilhas especiais, facilmente obtidas em qualquer árvore e cortadas com o tipo indicado na figura n.º 3 que servirão para prender o pano da barraca segundo o indicado na figura n.º 4.

A figura n.º 2 mostra-nos a maneira de preparar o «pavimento» da barraca tendo-o primeiramente forrado com uma camada de folhas secas e estendendo sobre elas uma esteira ou qualquer coberta.

Sempre que se deseje uma barraca de maiores dimensões, poderemos adoptar o modelo indicado na figura n.º 5.

Para a sua construção, servir-nos hamos de um maior número de suportes e também de al-

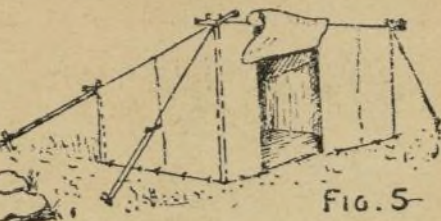


Fig. 5

guns cordões auxiliares da fixação conforme a figura.

Quando há dificuldade em obter varas suficientemente rectas para os suportes, poderemos tentar obter o mesmo efeito com o auxílio de algumas canas bastante fortes e rígidas.

O local onde se deseje acampar, deverá naturalmente ser escolhido segundo a direcção dos ventos predominantes e a posição do sol relativamente à frente da barraca.



AS MODAS EM VOGA

A FANTASIA AO
SERVIÇO DA MO-
DA FEMININA

CHAPÉUS, VESTI-
DOS E SAPATOS
MARAVILHOSOS



Sua alteza a elegante fantasia, senhora suprema de todas as vontades femininas (e quantas masculinas!) continua espalhando o seu poderio imenso, sempre infinito e incontestado.

Nos chapéus, deu-lhe ela formas bizarras, enfeites multicores, aplicações originais e, por vezes, extravagantes, e assim começou por transformar cabeças e chapéus segundo a sua inexgotável e impercível invenção fantástica. Os vestidos, principalmente agora, tiveram a influência decisiva da fantasia despótica e soberana. Em alguns modelos são tão descontraídas as preferências e bizarras, que chegam a formar modelos desconexas e irritantes e só aquelas que desejem fazer-se notar pela extravagância da «toilette» os podem ostentar.

Mas, outros, — e aqui está a supremacia da ditadora, — são poemas de graça, sinfonias de cor que se agrupam e enlaçam num ritmo estonteante de gracilidade e harmonia. As grandes casas de Paris têm criações em que as cores, em tons vários sabiamente combinados, se aliam à elegância de corte, num requinte estudado com mestria e perfeição. Nestes modelos há ainda a notar que, apesar dos tons variados e os cortes extravagantes, eles se conservam sóbrios e distintos, evitando arrebiques mas conservando a elegância especial do século XX, século em que se criou um novo culto da beleza e só compreendendo o que é belo por uma nova estética modernizada.

Antes que os vestidos entrassem no domínio da fantasia tão abertamente como agora, já os

sapatos — quer de sport, quer de passeio ou baile — ostentavam com galhardia as armas insignes de sua dona e soberana.

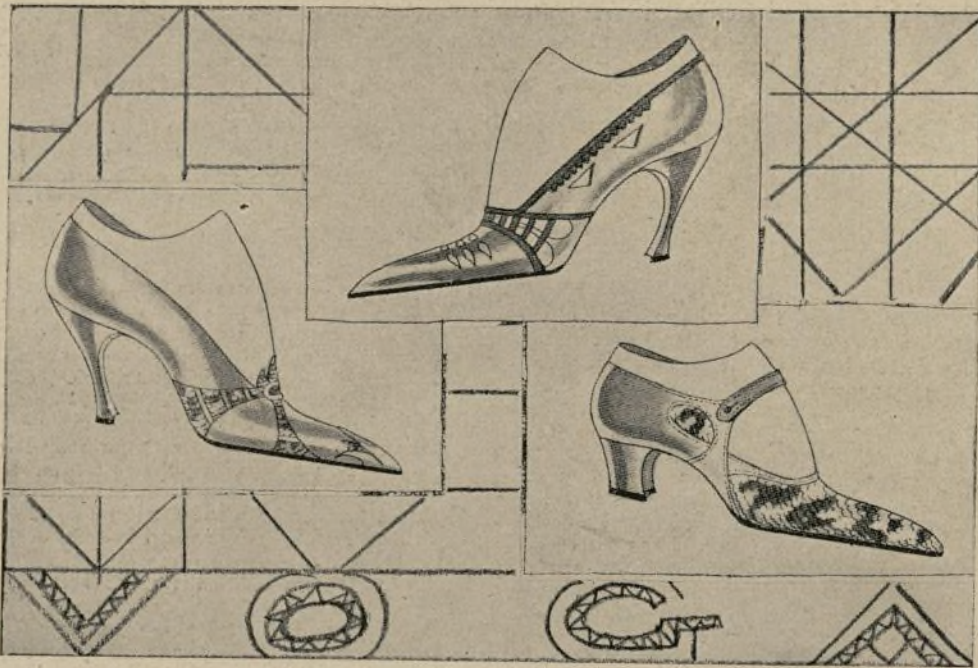
Mas hoje, é estranho constatar a aluvião imensa de fantasias pequeninas e graciosas que eles possuem, tanto no corte (que tem adquirido uma infinidade de criações) como no motivo que os guarnecem.

Ouro, prata e pedrarias, são os elementos imprescindíveis para a moderna «toilette». Chapéus, vestidos e sapatos, tudo resplandece em

É este um século de fantástico luxo e de riqueza, mas, confessemos, da riqueza falsa que imitando o ouro, a prata e as pedras, falseia a beleza feminina, tornando-a ainda mais bela na sua falsidade — já que não pode ser bela e rica. Tudo a fantasia domou.

Inteligências, idéas, preferências e até espíritos conservadores.

Todos a seguem, a escutam e lhe obedecem; por via da sua beleza, do seu esplendor, da sua beleza falsa, absolutamente falsa.



fascante arco-iris, em fantásticos deslumbramentos.

Uma «toilette» de baile é uma constelação — uma constelação por uma deslumbrante noite de Maio.

Luminosidades arco-irizadas são para os olhos entontecidos e ofuscados, um vislumbre de sedutor encanto, de fantástica fascinação.

A «strass», linda imitação de diamantes, espalha-se pelo vestido de noite envolvendo corpos gentis num halo de luz incandescente.

Os «damés» em prata e ouro, e aos quais ainda as pedrarias emprestam maior luxo e riqueza, são mais fantásticos que os chapins que a Gata Borralheira usava nas festas para apaixonar o seu Príncipe de Lenda e Encantamento.

Nesta página, são variados e graciosos todos os modelos que publicamos. Há o sapato de desporto em antilope, coiro bege ou castanho, enfeitado com pele de lagarto, com tiras picotadas ou feito ainda em dois tons.

Para o sapato de desporto o tacão deve ser raso ou quasi. Para as longas caminhadas já o seu ar prático para não nos magoar, depois dum longo percurso.

O sapato de passeio exige uma outra elegância, tanto na escolha de preparos, como no corte e enfeites. Uma infinita variedade de aplicações existe para embelezar este indispensável tacão é um tanto mais alto mas conservando o acessório de toilette, mesmo o que exige maior preocupação e cuidados.

Usa-se a pele de cobra ou a de lagarto; as tiras em vários tons, caprichosamente dispostas, formando desenhos modernos e elegantes; as fivelas de pedras; fios dourados contornando recortes e ainda duas cores misturadas, formando um conjunto belo e distinto.

Para o sapato de baile também a escolha é difícil e demorada. Além dos sapatos completamente em «damés» e pedrarias, temos também modelos fantasistas. Uns feitos em prateado e enfeitados com pequeninas rosas, em dourado e diamantes. Temos por exemplo um modelo em crepe da China azul-safira, para a gaspea e prateado para o tacão e contra-forte. Todo o sapato tem em volta um motivo recortado em pontas sendo no azul recortes prateados e no prateado recortes azuis.

Outros modelos têm a gaspea e o tacão todo em pedrarias; outros ainda em crepe da China negro tendo largas incrustações no contra-forte; e gaspea em setim verde, debruado a ouro.

Como vemos são infinitas as variações que os sapatos têm sofrido. Vários modelos inéditos e elegantes aqui pomos à escolha das nossas leitoras.

Nas «Modas em Voga», onde todas as novidades da modas são dadas e comentadas com tanto interesse, não podia deixar de vir também comentada a elegância dos sapatos. Eles são um dos principais elementos que, não só completam a «toilette», mas lhe dão o principal chic e requinte de toda a elegante.

A elegância do sapato salva muitas vezes a «toilette» mesmo quando não seja em absoluto feliz; nunca porém uma «toilette» de linha, salvou a deselegância do sapato, não é assim leitora amiga?

MADemoiselle X.

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



CARTA DE PARIS

Minha querida sobrinha:

Mais uma vez eu não sigo o velho provérbio «o útil antes do agradável» e venho começar pelo que mais me apraz, que é conversar contigo, minha querida sobrinha.

Deauville estava em pleno movimento durante os dois dias de Pentecostes. Uma multidão cosmopolita e elegante se comprimia no «Bar du Soleil» e creio que tu gostarás de ver reunidas todas estas lindas mulheres, elegantemente vestidas e esplendorosas.

Nos tecidos viam-se desenhos elegantes e excêntricos. Bolas, flores, riscas e quadrados, tudo se via num gracioso conjunto, em cores claras e lindas, como a rosa, o azul, o amarelo, etc. Mas o que predomina, a pesar de tudo, é o branco e preto.

Eu vi um encantador vestido em crepe da China branco, enfeitado de «à jours» pretos. Era duma forma muito simples, mas encantador. Um pequeno casaco em preto e branco completava o gracioso conjunto. O chapéu era

em feltro branco, muito pequeno, e tinha a enfeitado uma camélia em coiro. Para mais completa harmonia, os sapatos eram de verniz preto e camurça branca.

Eis uma outra «toilette» mais simples para os passeios da manhã.

É em crepe da China de riscas cereja e cinzentas, lindamente dispostas. O corpo é direito e a saia é cortada em largos «godets». No ombro esquerdo e nas mangas, laços do mesmo tecido, e na cintura, em crepe da China cereja, mais liso.

No casino notei outro conjunto em crepe «marocain» preto enfeitado com galões «cirés». O casaco, muito elegante, tinha umas algibeiras grandes e era enfeitado e forrado a branco. Largos enfeites em galão «ciré» e a gola em «agneau rasé» dava a este conjunto a nota elegante, procurada por toda a Parisiense.

E agora até breve, minha querida. De novo eu penso no dever e por isso me despeço, enviando-te abraços do teu tio e meus.

NUELMA.

ÀS SENHORAS PORTUGUESAS

VOGA, uma revista que não usa de reclames estrondosos mas que cumpre o que promete, afirma a todas as senhoras de Portugal estas verdades que pede a todas as leitoras que verifiquem:

1.° — É mais fácil prometer em grandes anúncios e não cumprir do que realizar sem espalhafatos uma obra como a nossa.

2.° — As senhoras portuguesas, verdadeiramente chics devem pôr de parte o uso, abominável pelo mau gosto, do chamado «figurino».

3.° — Os «figurinos» de todas as nacionalidades que se vendem em todo o mundo, são descalçados, copiados das fotos que VOGA publica e que são oriundas das mais célebres casas de Paris.

4.° — Essas fotos são publicadas na VOGA uma semana depois da sua aparição da Cidade Luz.

5.° — VOGA publica a maioria dos seus modelos com antecedência sobre os jornais similares da própria França.

6.° — As fotos de VOGA entregues a qualquer modista boa habilitam esta a confeccionar um vestido tão belo e tão chic como os que estão nas primeiras casas de Paris.

7.° — Modelos idênticos aos publicados na VOGA só se veem nas montras mês e meio depois.

8.° — Desconfiem dos modelos desenhados que os figurinos publicam. A direcção da VOGA pode provar que estiveram à venda em Lisboa figurinos de Maio e Junho com modelos publicados por nós em Outubro do ano passado!

Convençam-se pois de que VOGA com os seus modelos exclusivos, é o único jornal digno da mulher portuguesa.



VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA

Ayuntamiento de Madrid

CONCURSO DE BELEZA INFANTIL

OS BÉBÉS DAS NOSSAS LEITORAS

Conforme havíamos prometido, publicamos hoje os retratos dos primeiros vinte concorrentes apurados pelo júri no nosso concurso: com a última página a publicar inseriremos um «coupon», no qual as nossas leitoras inscreverão os nomes dos bebês que se lhes afigurem dignos de receber os respectivos prêmios



N.º 1 — 20 meses



N.º 6 — 5 anos



N.º 11 — 6 anos



N.º 16 — 15 meses



N.º 2 — 2 anos



N.º 7 — 23 meses



N.º 12 — 2 anos



N.º 17 — 4 anos



N.º 3 — 2 anos



N.º 8 — 13 meses



N.º 13 — 5 anos



N.º 18 — 7 anos



N.º 4 — 4 anos



N.º 9 — 6 anos



N.º 14 — 2 anos



N.º 19 — 7 anos



N.º 5 — 3 anos e meio



N.º 10 — 5 anos



N.º 15 — 14 meses



N.º 20 — 5 anos



Vestido de noite em tule preto bordado a "strass". (Oliva) Foto Henri Manuel.



Vestido de noite em selim branco bordado a perolas prateadas e enfeitado a veludo salmão (Denise May) Foto Henri Manuel.



Vestido de "foulard" de seda lavrado em bege e cas l'anhio d'ourço do Foto G. L. Manuel Frères



Vestido e casaco em popeli ne de seda preta, bordado a cinzento prateado (Chanel et C^{ie}) Foto Henri Manuel.



Vestido de passeio em crêpe da China cinzento claro guardado de franjas no mesmo tom (Farnese) Foto Henri Manuel.



Vestido de noite em musselina rosa bordado a "strass". (Lucien Lelong) Foto Scaroni.



Vestido de noite em lame preto e prateado. (Stéphane) Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido de passeio; azul enfeitado a branco, cinto em couro azul e branco. (Herbin) Foto Henri Manuel.



Conjunto de passeio em crêpe da China azul escuro bordado a bege claro. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em crepe da China preto e branco. Foto G. L. Manuel Frères.

Vestido em crêpe da China lavrado, em cinzento claro e rubim. Foto G. L. Manuel Frères.

VÁRIOS ASPECTOS DE DECORAÇÃO PARA JANELAS



A PROPOSITO DE LIVROS

LUAR DE VOLÚPIA — VERSOS DE ADÃO DE FIGUEIREDO

Bem sabemos que todos os temas foram já versados; que tudo foi dito já e que, desde os carmes de ouro da antiguidade clássica até aos sonetos de Camões e destes às líricas de João de Deus, o Amor — enlévo eterno e perene fonte de beleza — é assunto por demais tratado... Simplesmente, esse tema de maravilha, quando ecôa a dentro duma alma de verdadeiro poeta, possui o condão de encontrar sempre ineditismos de situação e de expressões que se desatam em lirismos adoráveis e de eterna mocidade! O velho tema, para nos interessar, só exige, de quem o usar mais uma vez: sentimento, arte, sinceridade, fogo interior, sonho e, vamos lá, pureza de coração... O amor — pelo menos é essa a opinião que sempre tivemos! — não consiste em desnudar perante os olhos de quem lê, o corpo do ser cantado. Isso, quanto muito, poderá fornecer descrições que fatigam e deixam depois em nossas almas tédio e queimaduras, embora certos parnasianos tenham conseguido, com semelhante estendal de miséria, joias de oulivesaria... O próprio Olavo Bilac, mestre incontestado da arte de bem dizer em verso, o confessa num soneto célebre:

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?
Passam as estações e passam as mulheres...
E eu tenho amado tanto! e não conheço o Amor!

É que o extraordinário artista brasileiro do verso, se exceptuarmos a *Via Lactea*, não conhecera realmente, — como tantos outros, afinal! — esse maravilhoso sentimento, confundindo-o com o impulso sexual desregrado e que, por forma nenhuma é sua razão única... O amor verdadeiro sobrevive aos sentidos e reside sempre no coração: do contrário transforma as criaturas em animais de prazer... Ora, este *Luar de volúpia* que o sr. Adão de Figueiredo depôs sobre a nossa mesa de trabalho, é a simples exibição do que os seus olhos viram — se calhar é mentira, não viu nada! — e não logra, portanto, interessar-nos porque, nem sequer ao menos tem a enroupar os versos a túnica esplendorosa e aliciante da Forma... Quem ama não escreve assim: o sr. Figueiredo esquece a verdade eterna do verso de Musset:

Si tu veux être aimé, respecte ton amour...

O sr. Figueiredo divertiu-se com uma senhora sua conhecida e veio depois contar em versos, defeituosos como técnica e falhos de inspiração, as intimidades que todos poderão futurar mas que não interessam. Pouco importa que o livro, segundo se vê da capa, esteja em segunda edição: a quantos tem sucedido isso? Não é por esse facto que os livros são melhores...

Depois, o poeta do *Luar de volúpia* abusa da adjectivação, e não conhece a propriedade dos termos na riquíssima língua portuguesa: há palavras que estão nos seus versos como Pilatos está no Credo... Também, a respeito do que sejam sonetos, o sr. Figueiredo está na infância da arte: como tal impinge-nos coisas que estão longe de ser o que se pretende. O soneto, para o ser de verdade, — já toda a gente o sabe ou deveria saber! — só tem quatro rimas: a, b, a, b; a, b, a, b; c, d, c, d; c, d, c, d. Há também quem empregue uma quinta rima nos tercetos: c, d, e; c, d, e; o soneto não perde com isso. Mas, fora destas duas maneiras de ligar os versos, o resto não vale nada e está longe de corresponder à maneira clássica e eternamente bela: poderá constituir uma lírica adorável mas soneto não é. E, infelizmente, aquilo que o sr. Figueiredo nos apresenta nem sequer é uma lírica aceitável!

Assim, este *Luar de volúpia* não nos agradou. Se era a sinceridade do nosso parecer que o autor queria ao enviar-nos o seu livro, ela aqui fica...

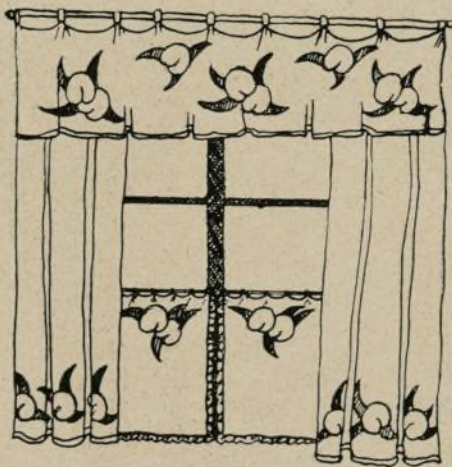
F. M.

PARA se mobilar uma casa e dar-lhe um aspecto sério ou ligeiro, tem que se seguir sistemas bastante diversos.

A distinção duma casa, aquela distinção cheia de discreta e suave elegância é uma grande responsabilidade, pois requiere um espírito delicado para se tirar efeitos decorativos de pequenos nadas que façam persistir esse ar grave, sem ser pesado, e não misturar objectos que lhe quebrem irrisoriamente essa sobriedade requintada de decoração senhoral.

Uma casa ricamente mobitada, mesmo com móveis modernos mas de grande preço, não pode, sem que caia num engano de arranjo, enfeitar as suas janelas e portas com os cretones hoje vulgarmente usados na decoração moderna. As mobílias, cujo aspecto é grave e suntuoso, requerem, para sanefas e reposteiros, veludo ou damasco de seda e ainda cretones, mas cretones de luxo, onde os tons sábiamente estudados tem a realçar os efeitos decorativos em prateado e dourado. Este cretones não são preferidos aos outros tecidos por diferença de preço, pois estes géneros de tecidos assumem, segundo a sua qualidade, melhor ou mais luxuosa, preços bastantes altos.

A fantasia, nas casas assim mobitadas, só muito discretamente lá pode marcar as suas características festivas e alegres, pois tudo que ultrapasse o moderado requinte que a distinção



sóbria exige, será quebrar o seu encanto e elegância.

O mesmo já não sucede com a decoração da casa, que desejamos alegre e graciosa, fantástica e maravilhosa como um conto de fadas. Nesta a despêsa é menor e o seu encanto difere como um palácio suntuoso dum «chalet» interessante.

Cretones em cores vivas, divans modernos empilhados de almofadas, móveis modernista-mente decorados, graciosos biombos forrados de tecidos berrantes, stores, brises-bises e nape-rons multicôres, tudo contribui imensamente para a linda e graciosa ornamentação do lar, sem que para isso sejam necessários móveis caros e despêsa fabulosas. Tudo, bem harmonizado e disposto, consegue compôr um lar cheio de graça e harmonia, onde apetece brincar e rir com aquele à vontade que, em geral, se tem numa casa acessível e graciosa. O luxo impõe-se e, sem querer, o respeito toma-nos nessas casas, mesmo sendo nossas e insensivelmente as nossas cabeças vergam numa silenciosa vênua ao dinheiro soberano.

Mas hoje o ideal, principalmente para a juventude, são as lindas casas, sóbrias de móveis, e ricas, pela abundância, de cretones e decorações. Casas onde se espelhe a alegria e o bulício da vida moderna, cheia de cor e alegria nas suas ornamentações económicas, mas vividas e alacres.

Entre as inúmeras decorações que se utilizam no lar, temos a das janelas como primordial e precisa. A luz tênue, coada por tule ou filet, dá a todo o ambiente uma suavidade que, contrastando com a bizzaria das cores empregadas nas demais ornamentações, consegue firmar um aspecto ideal com o espírito da mulher que,

UMA PLANTA BIZARRA PARA SALA

VAMOS indicar o modo de obter uma planta exótica, cuja cultura poderá parecer bastante misteriosa a todas as pessoas que desconheçam o processo como foi obtida.

Escôlha-se, pois, uma batata das maiores e mais redondas que fôr possível encontrar. Corte-se esta batata quasi a meio, de maneira a poder-se escavar no seu interior.

Esta cavidade deve ter, pelo menos, dois a três centímetros de diâmetro e deve ser recortada na massa da batata de maneira a não afectar a rigidez das suas paredes exteriores.

Rincha-se esta cavidade de terra bem preparada e bem húmida, plante-se-lhe no meio uma cebola de jacinto ou qualquer outra planta e suspenda-se este vazo improvisado, com o auxílio de três arames, que poderão ser pendurados no vão de uma janela, no tecto, etc.

sempre irrequieto, ora ama os ambientes irrisoriamente coloridos, ora as suavidades tristes duma luz baça, tombando mansamente sobre móveis claros, tules e sêdas pálidas. Mas como estes estados de espírito são leves e fugazes, conveniente é decorar e colorir modernamente o nosso lar, pois este, assim, é sempre agradável e acolhedor.

Publicamos hoje quatro lindas maneiras de guarnecer janelas. Duas delas são próprias para janelas de peito, e as outras duas para janelas de sacada.

As guarnições para janelas de peito são as seguintes:

Uma, a que tem aplicações, é feita da seguinte maneira: Recortam-se num cretone que tenha grandes flores ou frutos, simples e recortáveis, e depois de caseadas em volta, aplicam-se sobre tule, que deve ser da cor de que fôr forrado o quarto, podendo ser «vieux rose», verde claro ou azul. As flores são dispostas e coladas sobre o tule da maneira que a gravura mostra. Esta decoração, tão original e graciosa, é muito fácil de fazer e, escolhendo bem os motivos decorativos e as cores, o seu efeito é surpreendente.

A outra, é bastante mais simples. Tem as cortinas em tule, cassa ou qualquer outro tecido muito leve, pregadas à janela em cima e em baixo. Ao meio da cortina passa uma fita ou, ainda melhor, uma tira do cretone que emoldura a janela. O efeito desta guarnição também é muito gracioso, mas a sua aplicação é mais própria para uma salinha íntima ou casa de jantar, ao passo que o primeiro é mais adequado para quarto de cama ou de «toilette».

Para as janelas de sacada também estes dois modelos são duma linda realização.

A janela de sacada que é enquadrada em cretone tem uma das guarnições hoje mais usadas e simples.

Três tiras de cretone da mesma largura são dispostas na janela, sendo a horizontal um pouco franzida e as verticais lisas mas seguras aos lados por umas tiras do próprio cretone.

As brises-bises são feitas em linho ou pano sarjado, próprio para isso ou para «stores» bordados à Richelieu.

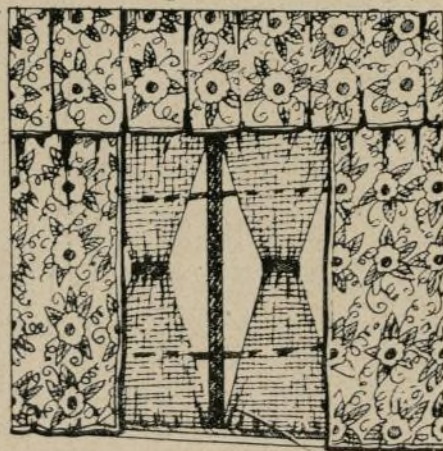
Por último, temos uma guarnição de janela para sala de visitas.

As duas largas tiras que caem em fundas pregas de cada lado da janela são feitas em veludo, que será da mesma cor do veludo que forra o sofá e as cadeiras. O «store» e «brise-bises» são em musselina de seda, num tom muito leve ou branco, com flores recortadas, e as quais depois de caseadas, são pregadas sobre a musselina.

Nas duas largas tiras de veludo são colocadas umas barras estreitas em setim no mesmo tom e várias pequenas aplicações.

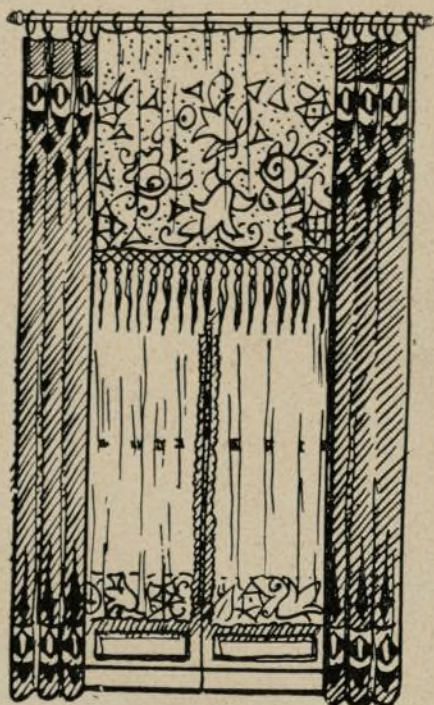
E eis composta uma das guarnições mais luxuosas e delicadas que se possa supor.

As guarnições para as janelas são imensamente necessárias pela distinção e graciosidade



que emprestam a qualquer compartimento. Por isso, queridas leitoras, aqui lhes deixo estes lindos modelos para o encanto do seu lar.

GUIDA.



CONHECIMENTOS ÚTEIS

PARA TINGIR SAPATOS BRANCOS OU DE LONA

UM dos maiores defeitos e inconveniências dos sapatos de lona ou de cabedal de cor branca, consiste em, dentro de um período de tempo bastante curto, apresentarem-se completamente sujos, tendo perdido a alvura com grande facilidade e tomado um aspecto de muito usados.

Este facto pode, todavia, ser facilmente remediado, desde que possam ser convenientemente tingidos pela maneira que vamos indicar:

Misturem-se dez gotas de tintura de açafrão com três colheres das de sopa azeite e depois da coloração se apresentar perfeitamente igual, tinjam-se os sapatos com este preparado e ver-se há que todo o seu mau aspecto desapareceu, dando lugar a uma magnífica coloração.

A coloração deverá ser feita com um bocado de flanela e distribuída sobre o sapato com a maior igualdade, deixando-se depois secar num lugar livre de poeira.

¶¶

PARA TIRAR O LUSTRO APRESENTADO PELAS FAZENDAS AZUES OU PRETAS MUITO USADAS

BASTA pôr de infusão cerca de duas dúzias de folhas de hera (da que cresce trepando pelas paredes ou pelas árvores) em água a ferver, durante cerca de cinco minutos.

Em seguida, tendo previamente tirado todas as nódoas com água de sabão bem quente misturada com um pouco de amonia, esfrega-se a fazenda com a água obtida com a infusão das folhas de hera e deixa-se em seguida secar.

Será fácil ver, depois, que todo o lustro que a fazenda apresentava anteriormente, devido ao seu uso prolongado, desapareceu como por encanto, ficando quasi como nova.

VOGA

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

AS MODAS NO VERAO

Acabam de chegar novas colecções detecidos de seda e de lã, da maior novidade:

Malhas de lã com fio metálico, lindíssimos padrões

Crepes de China, fantasia e lisos, todos os tons da moda

Toiles de Soie, Foulards, Granités, esplendidas qualidades

Cover-Coats, Popelines, Jerseys lisos, em mescla e de fantasia, etc.

A MAIS CHIC COLECCÃO, que vende a **PREÇOS BARRA-**

TISSIMOS a

GALERIA DA MODA

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77

TODAS AS LEITORAS E ASSIGNANTES DA VOGA DEVERÃO PREFERIR OS NOSSOS PRODUCTOS DE BELEZA
Ayuntamiento de Madrid



VERANEANDO!...

OS CONSELHOS E LEMBRANÇAS DA TIA PRUDENCIA

BONDOSOS sobrinhos, gentis sobrinhas! A vossa tia, que vós todos conheceis senão pessoalmente, pelo menos de nome, a tia Prudência, sempre rabujenta mas sincera, não quer deixar de indicar-vos a maneira fácil e simples para que as vossas férias nas praias, nas termas ou nos campos decorram alegres e felizes, sem dissabores ou desapontamentos.

Para maior facilidade e como tenho sobrinhos e sobrinhas de todas as idades, temperamentos e hábitos, dividirei o meu sermão conforme aqueles a quem me dirijo.

Começarei, pois, pelo que tereis a fazer

ANTES DA PARTIDA

Assim, sempre que seja possível, despachai a vossa bagagem, comprai os vossos bilhetes e



Evitai o mais possível os volumes de mão

reservai os vossos lugares, na véspera da jornada.

Não esqueça estudar bem as horas dos comboios, pelo menos com dois dias de antecedência, lendo sempre com atenção as instruções especiais para os viajantes da época de banhos.

Evitai o mais possível os volumes de mão, não esquecendo arrancar os letreiros antigos que servirão noutras viagens.

Não deixeis que joias e dinheiro sigam em malas despachadas.

Deixai sempre o vosso nome indicado, tanto por fora como dentro da mala.

Guardai o vosso bilhete e senhas da bagagem sempre na «mesma» algibeira interior.

Preparai previamente algum dinheiro trocado que pode ser necessário durante a jornada.

Lembra-vos também de que é facilímo segurar a vossa bagagem contra perda ou roubo.

Não façais a mesma pergunta e no mesmo local ou estação, a uma dúzia de pessoas ou empregados.

PARA A MÃE DE FAMÍLIA

É conveniente avisar os fornecedores da demora aproximada da ausência.



PICNICS

Escolhei sempre os comboios diurnos para viajar com as crianças.

Não vos esqueçais de avisar com a antecedência de dois dias, da hora aproximada da chegada ao vosso destino, dando sempre as vossas instruções sobre o que é necessário ter pronto e cosinhado à vossa espera.

Tomai os vossos lugares no comboio vinte minutos antes da partida.

Lembra-vos de que é conveniente levar sempre abafos sobreceletes e para todas as temperaturas.

Não deixeis tudo para o último dia e preparai as malas com bastante antecedência, deixando as chaves sempre em lugar onde não esqueçam.

São imprescindíveis algumas agulhas, alfinetes de mola e um carrinho de linha durante a jornada.

Não deixeis em casa objectos de grande valor, que poderão ser depositados durante a vossa ausência num Banco ou num Monte-Pio.



Se sois uma «sportwoman»

Fazei com que a família recolha cedo na primeira noite da chegada.

Tomai boa atenção em que as crianças e as criadas não danifiquem de qualquer forma a casa que haveis temporariamente alugado.

Se alguma coisa se partir participai-o logo a quem de direito e assim evitaremos muitos incidentes desagradáveis.

Se as crianças manifestarem um grande apetite logo em seguida à chegada, não deixeis que o satisfaçam. Lembrai-vos que esse apetite não é mais do que uma simples sensação resultante da revitalização provocada pelo ar livre e puro.

Fazei com que, a princípio, todos comam pouco e cautelosamente, evitando a abundância

de fructa a que não estavam habituadas, bem como o sol ou o vento forte.

Bebei e fazei beber sómente água bem fervida, quando nela não tendes a devida confiança.



...não altereis as horas das refeições...

Lembra-vos de que é conveniente reduzir o consumo de açúcar porque as frutas fornecem-vos não o restante.

Escolhei as vestes segundo o estado do tempo e o lugar onde estais veraneando, deixando sempre em segundo plano o talhe e a moda. Por isso, na estrada ou no campo, não receeis calçar aqueles sapatos que já não se usam mas que tão confortáveis são, e evitaremos assim que no dia seguinte os vossos pés apareçam chagados.

Olhai que as noites são frias e que à volta do pic-nic convém envergar o casaco que agora nos incomoda.

Talvez até que o tempo mude — rumor da lua! — e por isso será prudente preparar-se cada um para o aguaceiro que aquelas nuvens para lá dos moinhos, parecem trazer...

Se na casa onde estais abundam as moscas, é bem fácil afugentá-las colocando sobre as mesas ou pendurando do tecto, enormes ramos de ortaliga fresca e renovadas todos os dias. As moscas odeiam as ortaligas e as... aranhas.

Deixai por isso que estes insectos vivam em paz nas suas teias, porque eles são vossos aliados na guerra às moscas repugnantes e perigosas.

QUANTO AS SOBRINHAS CASADOIRAS

sómente deverão levar os vestidos que com efeito usarem, com os seus respectivos cabides



...num baile...

desmontáveis e vestidos esses que deverão ser tirados das malas logo que chegarem e passados a ferro se tanto for necessário.

Se sois uma sportwoman nos vos esqueçais da vossa racket deixando-a um pouco por toda a parte.

Evitai conversar sobre sport com quem nunca o praticou.

Ao jogar com um adversário desconhecido lembrai-vos de que não é bonito compará-lo com alguém que joga melhor.

Sobretudo, não altereis as horas das vossas



Não julgueis que ele ficou apaixonado...

refeições para terminar a partida de tennis ou por qualquer outro motivo.

Se o sol ardente ou o ar do mar nos queimou a pele é bem simples tratá-la com uma loção de salsa.

A loção obtem-se fervendo uma mão cheia dessa erva, em cerca de meio litro de água, durante quinze minutos. Filtrando em seguida, junte-se-lhe dois gramas de alumen, dois gramas de borato de sódio e dois gramas de cânfora, tudo bem pulverizado. Humedecei a pele com esta loção e deixai secar por si. Isto fará com que o vosso lindo rosto retome a sua primitiva frescura.

Tendo sido convidadas para

UM BAILE

fazei por ser pontuais, não chegando nem antes nem depois da hora indicada.

Não iniciéis «passos» diferentes das outras pessoas num meio onde ninguém vos conhece.

Se o piano está desafinado ou o jazz-band não presta, guardai a vossa opinião e não a manifesteis porque... foi o que se pôde arranjar!

Nunca deveis estrear uns sapatos num baile. Calçai-os primeiramente em casa, durante uma tarde inteira.

Não julgueis que «ele» ficou apaixonado só porque procurou dançar sempre convosco, «monopolizando» a vossa conversação e fazendo «fôgo de barragem» a todos os outros que tentaram também ser-vos apresentados.

Poderá suceder que «ele» realmente vos ache interessante mas é também provável que procure assim tornar menos monótonos os seus dias na praia ou as suas noites no Club às vezes tão sonífero...

Não vos enganéis, pois, com a expressão significativa do seu olhar, porque essa expressão



...a expressão significativa do seu olhar...

poderá ser estudada e a «caça aos corações» é para certos jovens um sport tão entusiástico como as touradas ou o foot-ball.

Sabeis bem que o sentimentalismo e as saias de balão da minha mocidade, foram substituídas pelo time is money e o corte rígido e severo dos vossos vestidos, quase invisíveis e reduzidos à expressão mais simples.

Lembra-vos, pois, de que a sinceridade natural e discreta é presentemente preferível à astúcia teatral do século passado.

Vivemos numa época em que imperam a Simplicidade e a Beleza... com os cabelos cortados.

Resta-me falar-vos de outros

PERIGOS DAS PRAIAS

porque, se ainda não sabeis nadar e por fatalidade vos faltou o pé, antes que tenteis gritar por socorro, esforçai-vos por manter a todo o custo uma grande calma e serenidade.

Dir-me-eis que muito fácil é dar este conselho



De barco

mas que, na prática, a sua realização é bem mais difícil.

Contudo, o vosso salvamento resume-se em não procurar erguer os braços acima da cabeça ou fora de água. Sempre que levantais os braços, mergulhai a cabeça e se a boca está aberta a bradar por socorro, é fácil prever o que sucederá.

Começai, pois, por fazer um grande esforço conservando-vos imóveis nos primeiros momentos e com a boca bem fechada.

Tentai logo abrir os braços em «crucificado» com as palmas das mãos voltadas para baixo e se em seguida, e com ambas as mãos, simultaneamente conseguirdes bater a água, conservando os braços bem estendidos, verificareis que a cabeça sairá facilmente fora de água.

É esse o momento para respirar, gritando por socorro, ao mesmo tempo que com as plantas dos pés tentais também «marcar passo em acelerado».

Se tanto não sabeis ainda fazer, é bastante conveniente que este ano mesmo, procureis aprendê-lo com o vosso banheiro, em lugar onde não haja receio.

Evitai sempre tomar banho em lagoas ou rios. Já porque em água doce é mais difícil flutuar, como também porque os perigos, estra-



Um passeio de barco é cheio de imprevisto...

nho parece dizê-lo, são aí em maior número do que nas praias do Oceano.

As margens dos rios são sempre mais inclinadas e é por isso, assim, mais fácil «perder o pé». Acresce a circunstância de que no fundo de quasi todos os rios são vulgares as diferenças bruscas de nível, causadas pela corrente variável das águas.

Esses lugares são, por isso, verdadeiras armadilhas para quem não sabe nadar.

Existe ainda o perigo do banhista ficar preso ao lodo, que poderá cobrir o leito do rio, ou ainda embaraçado em plantas submersas e extremamente perigosas.

Antes de concluir e como sei que muitos dos meus sobrinhos e algumas sobrinhas apreciam um passeio

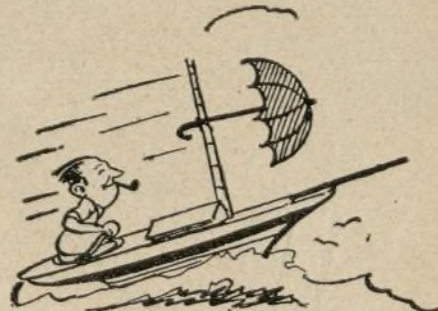
DE BARCO

não quero também deixar de fazer algumas recomendações sobre este assunto.

De uma maneira geral, é preferível navegar sempre em rios ou lagos onde a água seja doce, não só porque nesses locais a ondulação (sem ser Marcel) é de ordinário nula, mas também porque se alguém cair a água absorvê-la há com maior prazer e facilidade do que se fosse salgada.

Muitas pessoas imaginam que toda a gente sabe andar de bote como se fosse andar a pé. Todavia, devo dizer-vos que não é bem assim. É muito mais perigoso do que andar de bicicleta!

Um passeio de barco, tal qual o casamento, é



...ou o chapéu de sol amarrado ao mastro

sempre cheio de imprevisto e com bastantes perigos.

Considerando o número extraordinário de pessoas que, por vezes, tão levemente tomam lugar nestas duas embarcações, chega a parecer milagre que sucedam tão poucos desastres de naufrágios...

(Continua na página 11).

SABER ECONOMISAR
É SABER ENRIQUECER



Tipo de cofre que pomos gratuitamente à disposição do público para conseguir este fim

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

VOGA,

SEMANARIO ILUSTRADO DA
MULHER é a melhor e mais barata
das publicações do género em lin-
gua portuguesa.



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?
SATURNO: VOU EMPENHAR O MEU
ANEL PARA COMPRAR O
MAGAZINE BERTRAND

GRAFOLOGIA

Para obter os característicos grafológicos de
qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Cecílio de Sousa, 77, 1.º Lisboa

um envelope contendo o documento ou do-
cumentos que se deseja submeter à análise
com a quantia de — um escudo — em papel
moeda ou estampilhas postais por cada con-
sulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só
são necessários se se deseja a devolução dos
documentos enviados devendo neste caso ser
também incluído um envelope devidamente es-
tampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da
análise não correspondam à expectativa dos
nossos clientes, ou resultem aparentemente fal-
sos, rogamos encarecidamente que, com a maior
sinceridade e sem o menor receio de suscepti-
bilizar a nossa competência, nos apontem os
desacordos mais evidentes segundo o critério
das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e mi-
nuciosa de todos os seus característicos grafo-
lógicos, podem todas as ex.^{mas} consulentes da
Voga reenderçar estas mesmas consultas para
o Magazine Bertrand mediante as condições in-
dicadas na secção grafológica dessa revista
mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indi-
cação do número e pseudónimo sob que foi
dada a resposta na Voga.

Só serão enviados pelo correio os resultados
das consultas endereçadas ao Magazine Ber-
trand nas condições indicadas na secção grafo-
lógica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 510 — N.º 2 — Pôrto — Temperamento ca-
prichoso, voluntarioso, ocultando sobre um
manto de gelo, toda a agitação mental e ima-
ginação fecunda de uma existência pouco em
harmonia com a sua maneira de sentir.

Os seus gestos são decididos, obedecendo a
um instinto impulsivo e mais forte que a in-
fluência do meio e dos seus hábitos de outrora.

N.º 511 — Uma Pombalense. — Eis a análise
ao seu grafismo:

Uma grande afectividade sincera, natural e
muito atraente pela sua simplicidade bondosa
e digna.

Há-de certamente ser feliz. Tanto como eu
sinceramente lhe desejo mas... procure antes
organizar a sua casa mais metódicamente, obe-
decendo a um horário tão certo quanto possível
numa rotina automática que, parecendo talvez
à primeira vista monotona, tem contudo a ex-
traordinária vantagem de permitir-lhe viver
bem mais confortavelmente e com uma maior
comodidade que já jamais seria possível em cir-
cunstâncias alheias a este sentimento.

Procure, pois, cultivar na sua maneira de sen-
tir todo o império de uma calma absoluta, de
um método irrevogável e de uma pontualidade
fixa e intransigente.

Aproveite a oportunidade para igualmente
lhe manifestar os meus votos sinceros pelas
suas felicidades. Todos os seus restantes defei-
tos não merecem menção especial.

N.º 512 — Uma Tripeira — Pôrto — É um gra-
fismo revelador de uma força de vontade enérgi-
ca, procurando dominar as suas emoções em
obediência aos seus pensamentos e conseguin-
do-o, sem dúvida, sempre que... o sentimento
da afectividade não é posto à prova.

Todos os traços indicam domínio pessoal,
bondade, ponderação e prudência.

Os seus defeitos resumem-se numa determi-
nada infantilidade, procurando expôr-se num
leve sentimento de orgulho e de exagêro das
suas faculdades sem dúvida apreciáveis.

N.º 513 — Dala — Pôrto — Imaginação impul-
sionada por um temperamento agitado e por
vezes violento.

Todos os traços revelam, não obstante, dis-
creção, prudência e até economia.

É um grafismo denotando uma personalidade
firmada sobre uma interpretação especial da
vida e das almas...

Verifico também que todas as manifestações
da sua vontade traduzem-se sempre decididas e
audazes, independentemente das consequências,
o que talvez constitua assim o único lado nebu-
loso da sua personalidade.

N.º 514 — Aleria — Lisboa — Se me fôsse per-
mitido dir-lhe-hia que o seu grafismo é bem
uma máscara transparente que por mal afive-
lada desvenda todos os característicos da sua
personalidade um pouco... (vá lá a verdade) vai-
dosa de si própria.

Este é, sem dúvida, o único defeito presente
nos seus traços.

Todos os restantes aspectos do seu grafismo
revelam bondade, método, ordem meticulosa e
cuidada em toda a sua exterioridade, o que sem
dúvida alguma constitui uma das mais profun-
das condições de triunfo em todas as suas em-
presas.

N.º 515 — Joana — Cascais — Afectividade e
memória, sabendo guardar para si própria toda
a maneira de sentir numa concentração sómente
desvendada pela sua extraordinária afectivi-
dade.

É dotada de um espírito extraordinariamente
observador, e... não esquece nunca os favores
ou injurias de que por ventura possa ter sido
alvo.

N.º 516 — Morena endiabrada — Amarante —
Decisão e energia, não recuando já mais nas
suas resoluções a despeito de todos os obstácu-
los que surgirem no decurso da sua acção.

Bondade natural, sincera e simples, procu-
rando agradar mais segundo a sua exteriori-
dade do que a sua maneira de dizer.

É um bom grafismo em toda a acepção da
palavra revelando as boas qualidades que ca-
racterizam toda a beleza da alma portuguesa,
sentimental e digna.

N.º 517 — Olhos pretos — Pôrto — Correcto
nas suas atitudes, verifico assim que procura
sobretudo impor-se segundo uma justa noção
de que «de vagar se vai ao longe».

Noto igualmente todos os sinais de uma bon-
dade natural, sómente prejudicada por um leve
sentimento de desconfiança, talvez resultante
de alguma má experiência anterior.

É eis tudo o que vale a pena revelar.

N.º 518 — M. L. B. — Lisboa. — Eis a análise
do sobrescrito em questão. Firmeza de decisões,
atitudes e exterioridade.

É um grafismo revelando intelectualidade,
força de vontade, iniciativa e grande domínio
pessoal, obedecendo a uma imaginação disci-
plinada, concisa e ponderada.

O único defeito que mais profundamente po-
derá afectar as manifestações das suas excelen-
tes faculdades de trabalho, parece ser consti-
tuído por um leve exagêro de consciência acerca
dos seus dotes pessoais bem como alguns aces-
sos irremediáveis de um temperamento que nun-
ca poderia classificar de... fleugmático...

N.º 519 — Uma que não gosta de cabelos cor-
tados. — Um grande equilíbrio de faculdades,
sabendo impor a sua vontade de forma a obter
sempre os seus desejos.



Todos os seus traços revelam afectividade sin-
cera, sem todavia abstrair dos direitos que lhe
são devidos por categoria moral e social.

Se tal não pudesse ser tido em conta de
abuso atrevere-me hia a revelar-lhe o seu maior
e talvez único defeito. Um certo desequilíbrio de
proporções entre a sua receita e a maneira como
se sente inclinada a dispendar, junto também a
uma «pontinha» de teimosia até por vezes um
quasi nada rabugenta...

É mil perdões se a ofendi.

N.º 520. — Uma pateta das luminárias. — Se
deseja que lhe fale com franqueza, não vejo
nada neste grafismo que possa ser tido como
sintoma de que, quem o riscou era «Uma pateta
das luminárias»...

Todos os traços indicam-se um grande en-
tusiasmo vibrando agitado em vibrações
de fé e de esperança, irradiando mocidade e
alegria.

Um grande idealismo parece presidir a todos
os seus movimentos mais evidentes e o único
lado mais prejudicial da sua personalidade é
constituído por uma verdadeira tendência para
precipitar as suas conclusões antes que a prá-
tica possa revelar a verdade.

N.º 521 — Serapião. — Muito prazer em co-
nhecer o grafismo de Voscência, sr. Serapião.
Mas quem possui as suas faculdades mentais,
a sua intelectualidade e o seu saber, bem pode-
ria antes adoptar o pseudónimo de Cícero,
Theophrasto ou Descartes... porque todos os
seus traços não oferecem a menor dúvida a
este respeito.

A sua actividade, decisão e justa visão assimi-
ladora dos mais variados problemas permitem-
lhe bem ajuizar duma «causa» quasi tão bem
como fazer o diagnóstico e prognóstico de uma
enfermidade de característicos indecisos...

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as
nossas Ex.^{mas} Consulentes que as importâncias
devidas por cada consulta deverão ser enviadas
em papel-moeda e nunca em moedas metálicas,
a fim de que a correspondência não fique retida
no correio. Rogamos, por isso, a todas as nos-
sas Ex.^{mas} Consulentes que não tenham rece-
bido o resultado das suas consultas ou não os
tenham visto publicados na Voga, o favor de
nos avisarem, a fim de podermos reclamar as
cartas que possivelmente estarão retidas no
Refugio Postal.



“COLUMBIA”

DISCOS

NOVO REPORTORIO PORTUGUÊS

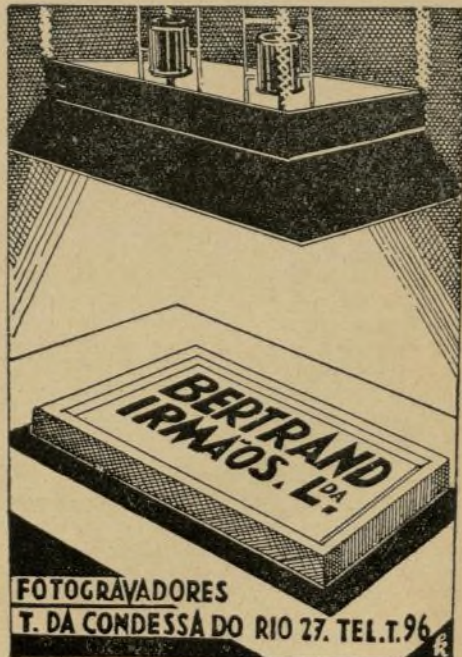
As ultimas novidades gravadas em Mi-
lão pelas grandes celebridades mundiais

Formichi — Marthe Nospoulous — Muro Lomanto
— Rogatchewsky — Aida Cipelli — Scavizzi — Veroli
— Umberto Lelio — E. Surinach, etc., etc.

AGENTES EXCLUSIVOS

P. SANTOS & C.ª, L.ª

52, 54, R. Ivens, - LISBOA - R. Garrett, 57, 59, 61



VERANEANDO!... UM DRAMA ÍNTIMO

OS CONSELHOS E LEMBRANÇAS
DA TIA PRUDÊNCIA

(Continuação da página 9)

Dir-se-ia que um anjo da guarda especial, protege os inconscientes que se aventuram a navegar por entre os escolhos invisíveis que rodeiam sempre um barco e... um casamento.

Não «embarqueis», pois, sem primeiramente verificar bem o estado do mar ou a velocidade da corrente...

Depois, já a bordo, lembrai-vos de que é extremamente perigoso trocar os lugares, sobretudo se a embarcação é pequena e de fundo chato.

O menor desequilíbrio pode, às vezes, causar um acidente grave, e se o vento é demasiado



...a convalescença resultante do choque moral

forte, valerá mais remar ou, desfazendo a vela, utilizar de preferência, um chapéu de sol amarrado ao mastro.

Em igualdade de circunstâncias, é, porém, sempre preferível passear em terra firme onde, se por fatalidade escorregasse, não correria, de certo, tão grande perigo.

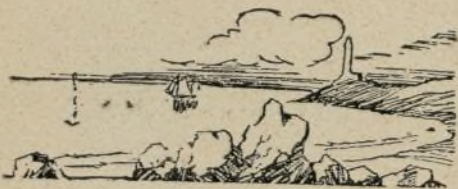
Em terra tudo se remedia; sôbre as águas... nem sempre.

E terminando, resta-me recomendar-vos que nunca deveis deixar a conta do hotel ou das despesas para a última hora.

Pagai-a sempre com a antecedência suficiente para vos garantir o tempo necessário à sua conferência e à convalescença resultante do choque moral.

Sempre ao vosso dispôr

TIA PRUDÊNCIA.



O DOCE NUNCA AMARGOU...

TORTA DE MORANGOS

Elementos a empregar: 1 chavena de farinha, (115 gr.); $\frac{1}{2}$ colher de chá de sal, (3 gr.); 2 colheres de chá de pó Royal, (8 gr.); 4 de sopa, de manteiga, (56 gr.); $\frac{1}{4}$ de chavena, de água fria, (116 de l); 4 chávenas de morangos, (460 gr.).

Peneira-se a farinha, o pó Royal e o sal; com uma ponta de faca ou com as pontas dos dedos mistura-se na farinha a manteiga e põe-se-lhe água em quantidade suficiente para endurecer a massa. Estende-se esta em mesa polvilhada de farinha e está pronta para forrar a torta. Leva-se a um forno bem quente por 12 ou 15 minutos. Se se desejar a crosta vistosa, depois de cozida, esfregam-se as pontas com melaço bem quente (2 colheres de sopa de melaço e 1 de água) e torna-se a levar ao forno por dois minutos até que o melaço endureça. Enche-se depois a crosta já pronta com os morangos e por cima deita-se o seguinte xarope depois de preparado: $\frac{1}{2}$ chavena de assucar (115 gr.) e meia chavena de morangos escolhidos bem maduros (115 gr.). Mistura-se com 2 chávenas de água fervendo ($\frac{1}{2}$ l.). Deixa-se ferver e então põe-se uma colher de sopa de maizena (7 gr.) desfeita em um pouco de água fria. Cosinha-se em bastante fogo por uns 2 minutos, mexendo sempre; tira-se do fogo e bate-se muito bem, em seguida torna-se a pôr no fogo cozinhando até que fique grosso. Derrama-se então enquanto quente sôbre os morangos que se colocaram na crosta da torta.

Esta torta serve-se tanto quente como fria e em vez de morangos pode utilizar-se outra qualquer fruta.

Não desanimes, Leonor, que a sorte sempre há propícia. Estamos novos e a vida é ampla. Tenho faculdades de trabalho e não temo canseiras. Não desanimes, Leonor, não desanimes!

Estas palavras proferidas por Óscar, ali no cais de embarque, por entre o vozeiro confuso da multidão, longe de apaziguar o ânimo de Clotilde, mais a enervavam. Mal podia falar a pobre rapariga. As lágrimas que perlavam seus olhos lindos eram as suas palavras eloquentes. Num gesto comovente, ergueu a filha nos braços até à altura dos braços do marido. Este, cobrindo-lhe de beijos as faces inocentes, apertou-a contra o peito por um longo momento. Depois ficou-se a olhá-la, extasiado, o pensamento por ventura longínquo, lá onde uma grande esperança talvez brilhasse ou onde uma sombra de mau preságio se erguesse.

Foi sua sogra que o arrancou àquele alheamento e o chamou à realidade.

— Óscar — pediu a bondosa senhora — não te esqueças nunca de nos enviar notícias; lembra-te de nós, que estamos sempre em sobresalto.

E o olhar de Leonor secundava a súplica de sua mãe.

— Não me esquecerei. Escreverei por todos os vapores. Quero também que me mandem frequentes notícias vossas e me descrevam pormenoradamente os progressos que a minha filha vá fazendo.

A sereia do paquete rouquejou o primeiro sinal da partida. Aquela voz potente e ameaçadora, atrojando os ares, abafava todas as vozes, pezava esmagadoramente na alma daquela multidão que vivia o drama intenso da despedida. Era como mão brutal que tapasse todas as bocas, que amordacasse todas as dores, para que elas no íntimo de cada um fôsse mais intensas e dilacerantes.

Quando cessou, pairou sôbre o cais um largo silêncio, como se todas aquelas dores, violentamente cortadas pelo ruído ensurdecedor, hesitassem em retomar seu curso.

Óscar não cessava de fazer recomendações. Cuidado com a menina, muito cuidado... Que lhe dessem boa alimentação; a sua idade, um ano apenas, requeria grande atenção... E Leonor que não se entregasse ao desgosto da separação, que fôsse com sua mãe a distrações... Queria, no regresso, encontrá-la gorda e bem disposta...

Depois veio o grande e prolongado abraço do insante supremo do apartamento. As lágrimas



foram mais copiosas. Óscar teve de entrar no vapor correndo, porque se preparavam já para levantar a ponte.

Lá da amurada a multidão compacta dos emigrantes acenava lenços. Leonor não desfitava o de Óscar, que se agitava insistente como uma ave branca que teimasse em voar no mesmo sítio.

Lentamente, o barco afastava-se. As vozes que de lá vinham eram mais débeis, cada vez mais longínquas.

Por fim, tomando impulso, o paquete deslizou no rio inundado de luz — e desapareceu.

Leonor recordava agora todas estas cenas que haviam ficado indelevelmente gravadas na sua memória. Evocava o vulto esbelto de seu marido, que partia cheio de esperança, ansiando já pelo regresso na abundância e na prosperidade.

Houve uma recomendação que ela não cumpriu. Não procurou uma única distração. Sen-

tia-se viúva e passava os dias em casa, entregue a meditações tristes. O seu divertimento era a filha, que medrava de dia para dia, muito linda e que já sabia falar-lhe do pai.

Quando via um papel, a mimosa criança apontava-o com o dedinho e dizia para a mãe:

— Olha, carta do papá.

A mãe cobria-a de beijos e antegosava a alegria do marido, quando de regresso, notasse os progressos da filha.

Leonor vivia espiritualmente distante de Lisboa, lá em África, seguindo em imaginação seu marido querido, visionando através das cartas que dêle recebia, a terra inhóspita onde morava.

Após a chegada de cada vapor aguardava ansiosamente notícias do marido. Se por qualquer circunstância fortuita falhavam, sua alma dilacerava-se em negras apreensões. Mas quando mais tarde chegava uma carta animadora, sentia o seu coração em festa e a vida parecia-lhe mais bela.

Mas naquela manhã, sua mãe abeirou-se dela e disse-lhe:

— Coragem, minha filha, coragem! Sucedeu uma grande desgraça.

O coração de Leonor teve um sobressalto indescritível. E notando um jornal na mão de sua mãe, arrancou-lho violentamente, e logo os seus olhos alucinados pousaram num título trágico:

Despedaçado por um leão

Não leu mais, não conseguiu ler mais. As letras bailavam ante os seus olhos uma dança macabra. Sua alma adivinhava o resto da notícia.

Abraçou a filha, apertou-a contra o peito, beijou-lhe nervosamente as faces. Aquela filha era tudo quanto restava do seu amor ausente por toda a eternidade.

MARIA EULÁLIA.

RECEITAS DE COZINHA

AZEITONAS FRITAS

Escolhem-se azeitonas grandes de salmoira. Coze-se com gordura, cebolinha e cenouras um peito de frango ou fígados de qualquer ave doméstica (galinha, pato, peru, etc.), um pouco de carne de porco e de vitela e cravinhos da Índia. Deixa-se coser esta mistura que fará o recheio enquanto se preparam as azeitonas da seguinte maneira: Com uma pequena faca tiram-se os caroços às azeitonas tendo o cuidado de separar a azeitona apenas em duas partes iguais. Deitam-se as metades das azeitonas assim preparadas em água salgada. Depois das carnes cozidas picam-se ajuntando-lhes mostarda um ovo e um pouco de queijo ralado. Mistura-se tudo muito bem. Depois do recheio completamente preparado tomam-se as metades das azeitonas enchem-se de picado e juntam-se de duas a duas dando à azeitona o seu feitio natural. Depois de assim preparadas passam-se por farinha, ovo batido e ainda por pão ralado e fritam-se em gordura bem quente.

MORREU MRS. PANKHURST!

No rude laconismo de uma simples notícia telegráfica, acaba a imprensa de todo o mundo de publicar um telegrama de Londres, informando que a célebre e outrora tão feroz sufragista inglesa Mrs. Pankhurst, faleceu... simplesmente de morte natural.

Quem, com efeito, arriscou tão severamente a sua situação, a sua fortuna, que era considerável, e até por vezes a sua própria vida pela conquista das liberdades femininas, em luta com todas as convenções sociais, não esperava decerto baquear assim na vulgaridade de qualquer outra mortal obediente às tradições e a... seu marido.

A celebridade mundial de Mrs. Pankhurst foi principalmente obtida devido às violências praticadas por algumas das suas partidárias, sob ideia fixa de que todos os meios eram lícitos para atestar a sua presença revolucionária no centro das principais cidades de toda a Grã-Bretanha e Irlanda, tendo começado por incendiar a correspondência dos marcos postais, borrifar de pimenta os graves Lords do Parlamento Britânico, as sufragistas terminaram por exercer as maiores barbaridades em Westminster na histórica cadeira das coroações reais e até nos quadros mais preciosos e célebres dos principais museus ingleses, chegando mesmo a provocar um tal pânico que ficou célebre como uma era inolvidável na história das reivindicações sociais da Inglaterra.

De todos os seus atentados o mais violento foi, sem dúvida, o «raid» às vidraças dos maiores estabelecimentos de Oxford Street, em Londres.

As quatro horas da tarde, quando o movimento nesta importante artéria da grande metrópole, atingia o seu limite máximo, um numeroso grupo de sufragistas que, previamente

TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO usando FILOCOL N.º 1 para o desenvolver, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos medicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL
Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

À SUA SAUDE!!!!

QUAL é a razão porque se tocam os copos ao fazer-se uma saúde?

Este hábito é universal em todos os países que, antigamente, constituíam todo o vasto Império Romano.

Foram, com efeito, os gladiadores romanos os primeiros a introduzirem este hábito, quando, antes de iniciar os seus torneios, usavam beber uma taça de vinho.

Para que houvesse plena certeza de que ne-



nhuma das taças continha qualquer veneno susceptível de afectar um dos dois combatentes, era então costume verter parte do líquido, mutuamente, em cada uma das taças, antes de beber.

Com o decurso dos tempos, e talvez porque parte do conteúdo dos copos era, assim, facilmente derramado e perdido, este hábito ficou resumido à cerimónia de tocar os copos uns nos outros, como manifestação de confiança e simpatia.

armadas de martelos, se distribuíra para junto das maiores montras das lojas mais importantes, a um sinal dado, e aos gritos de: *Votos às mulheres!*, fez voar em pedaços e simultaneamente, todas as vidraças das montras colossais!

O barulho resultante de dezenas de vidros enormes, tombando ao mesmo tempo de um e outro lado da mesma rua perante uma multidão desconhecida do que se tratava, causou um pânico indescritível, e os feridos por atropelamentos e pelos pedaços dos vidros foram numerosos.

A imprensa londrina verberou severamente o atentado, implorando medidas radicais para pôr termo a um tal estado de coisas. O assunto foi tratado nas Câmaras dos Lords e dos Comuns, tendo sido então proposta uma verdadeira perseguição a toda a mulher que ousasse manifestar ideias sufragistas.

A opinião pública tornára-se assim desfavorável à acção das propagandistas do feminismo, e Mrs. Pankhurst resolveu mudar de tática, passando a exercer a sua influência de uma maneira mais dócil e também mais cómica: pelo ridículo.

(Conclue no próximo número).

V O G A

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que *Voga* vai apresentar em breve
Ayuntamiento de Madrid



adaptabilidade a tantos papeis de trabalhosos desempenhos; Ramon Novarro, que se apresenta tão bem em «The Student Prince», seu mais recente trabalho, como já o fizera antes, em «Ben Hur»; Tim Mc Coy, esse militar garboso que se estreou em fitas do oeste americano, e que actualmente se encontra a trabalhar em fitas históricas de relevante interesse; Norma Shearer e Marion Davies, duas grandes favoritas de todos os públicos, e que em tantas e tão brilhantes produções souberam grangear uma fama que é um título de glória.

Os comediantes, da mesma forma, não encontram menos árduo o seu mister de levar a satisfação ao público, este publico que já estabeleceu exigências acerca da sua apreciação artística na tela. Karl Dane e George K. Arthur, dois náveis elementos

OS VERDADEIROS ARTISTAS NÃO DESAPARECEM NUNCA

O verdadeiro artista não desaparece nunca da tela. Certos nomes tem sido uma garantia para os entusiastas do cinema e hão de sê-lo enquanto existir o cinema. Outros há, entretanto, cuja fama meteórica tem sido tão illusória quanto a luz que a jorros varre uma scena de estúdio.

Qual a razão? De um modo geral, isto é devido a que estes últimos não estão em condições de se desenvolver no ambiente que os cerca. Como outra causa, pode também invocar-se a acção de directores mediocres. Um ou dois desses artistas tem sido afastados do scenário cinematográfico devido a terem sido para elles indicados papeis mal escolhidos por directores pouco afeitos ao officio. Outros, apenas porque esgotaram os seus recursos artísticos; o público cançou-se de os ver nos mesmos papeis, por anos e anos.

O artista de cinema, aliás como qualquer outro verdadeiro artista, precisa estar equipado com uma inteligência capaz de criar. As belezas parcas de inteligência, ôcas de talento, no cinema como no palco, tem seus dias contados. Homens que apenas «posam» bem e se resumem no cuidadoso trato que dão ao seu cabelo sempre lustroso e penteado irrepreensivelmente, são elementos de pouca duração na tela.

Lillian Gish, por exemplo, é uma artista que se destaca entre os expoentes do cinema, devido a uma personalidade que é bem a feliz combinação da arte creadora e do encanto físico. Tem sido uma «estrela» na verdadeira acepção do termo, um ídolo do público, e nunca alcançou tanta fama como agora no seu recente trabalho «The Enemy», numa nova caracterização que é um exemplo valioso da sua capacidade scenica.

Lon Chaney é outro artista que tem muito de valor próprio. Na sua primeira fita, «The Miracle Man», apresentava-se como um aleijado, ao passo que no seu mais recente trabalho se mostra como um ídolo de circo. Há uma enorme diferença entre o seu papel de palhaço em «He Who Gets Slapped» e o seu desempenho de agora, também como palhaço, na sua produção ora em andamento nos estúdios da Metro.

A reunir a esse famoso par, temos Greta Garbo, já antes artista aplaudida no seu país, a Suécia, e hoje uma das sensações do mundo; John Gilbert, que se tem caracterizado pela sua admirável



da scena muda, dois «recrutados» de ontem, mostram-se quais soldados velhos nos seus admiráveis desempenhos. É que tem alma, sentem e fazem sentir ao público, que já lhes quer e muito, como elementos de excepcional valia. William Haines encontra-se em nível idêntico, tendo sido um estreante cujos primeiros trabalhos constituiram logo uma verdadeira revelação que lhe trouxe os melhores destaques.

Na verdade, é sempre fácil atribuir a outrem as responsabilidades no fracasso de um artista que já tenha surgido através dos umbrais da fama. Mas não é menos verdade que não há meios possíveis de se impôr ao público um artista falho de talento—porque o talento, o génio artístico, é qual veia misteriosa por onde circula agitado o sangue que há de dar vida a todos quantos na arte vivem por ela porque vivem dela, presos a um ideal puro que exige esforços e sacrifícios, lutas e persistências mas que, afinal, encontra o mais compensador dos estímulos, a mais desejada das recompensas—o favor público.